

## MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO

Saul Cabral Gomes Júnior (FAFE)<sup>1</sup>

**Resumo:** Em Macabéa, personagem principal de *A hora da estrela*, materializa-se a figura do *gauche*, mencionado na primeira estrofe do “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. A protagonista clariciana assume sete formas de viver que conduzem ao deslocamento no mundo: 1) pessoa contrária ao ato de pensar; 2) falante fugidia à utilização da linguagem; 3) sujeito desgarrado da cultura tecnológica; 4) metonímia da miséria social; 5) antítese do Belo estético; 6) ser a-histórico; 7) “animal apolítico” (em contraposição à definição de Aristóteles).

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Carlos Drummond de Andrade; Abralic

### Introdução

Na literatura perscrutadora de Clarice Lispector, deixa-se transparecer a distinção entre *existir* e *ser*, exposta por Jean-Paul Sartre: “[...] a existência precede a essência. [Isso] Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra-se a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (SARTRE, 1987, p. 5-6).

É essa busca pela essência – ou seja, pelo *ser* – que propulsiona as tramas de Clarice e é dela que se imbuem as personagens da escritora. Estas, primordialmente, *existem*, situam-se no universo orgânico-social; em seguida, conscientizam-se da *essência* a ser alcançada e, procurando atingi-la, deslocam-se de um lugar para outro, entregam-se a aventuras – mesmo cientes de que podem resultar em *desventuras* –, estabelecem laços com indivíduos de personalidades opostas às delas, enfim, praticam ações que materializam, propriamente, os enredos claricianos.

O percurso em busca do *ser*, hegemonicamente presente na produção ficcional de Clarice, integra-se ao cerne das tramas urdidadas pela autora e constitui-se a força motriz das narrativas claricianas, nas quais se grava a insígnia da introspecção. Preponderante na literatura da ficcionista, a sondagem introspectiva apresenta-se de modo particular na obra publicada meses antes do seu falecimento: *A hora da estrela*.

Nesse romance, a introspecção divide espaço com a denúncia das mazelas sociais. Instaure-se, dessa maneira, uma narrativa clariciana singular, que já suscitou diversas leituras, mas que ainda se faz fecunda em questões, algumas das quais originárias da

---

<sup>1</sup> Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (USP). Contato: muiraquitan.saul@bol.com.br.



condição fronteira dessa obra, situada entre o empreendimento introspectivo integrado ao estilo clariciano e a postura crítico-social afluída na escritura da autora.

No âmago de tal situação fronteira, constitui-se o anti-herói em *A hora da estrela*, em cuja protagonista, Macabéa, concentram-se, concomitantemente, a perscrutação introspectiva e a investigação social. Durante um trajeto no qual se sobrepõem a degenerescência interior e a miséria social, Macabéa personifica a figura do *gauche* (retratado no “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade), assumindo sete aspectos canhestros, os quais serão descritos ao longo deste trabalho.

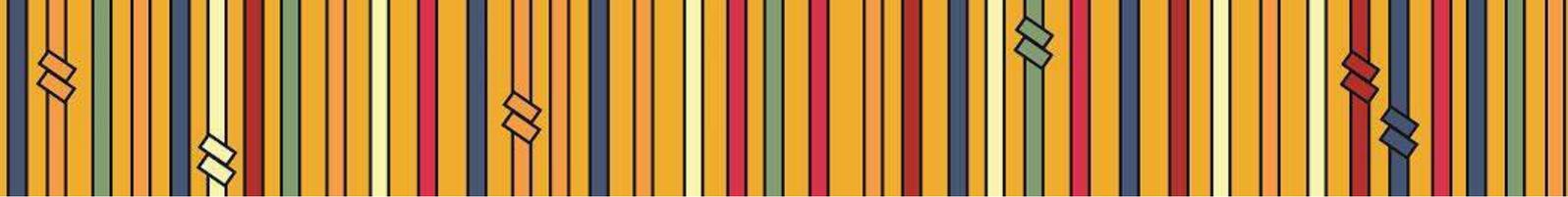
### **O espaço romanesco e o brilho dissonante de uma estrela**

Diferentemente da epopeia, que se baseia na ação do representante de uma comunidade, o romance é uma forma narrativa que se concentra no agente, no *herói*, que demonstra sua magnitude no decorrer de um percurso individual.

No romance, essa demonstração propuliona a narrativa, regida pela exploração *monocêntrica* da personalidade do protagonista. A trajetória biográfica do herói, ao longo da qual afloram suas propriedades personalísticas, consuma-se no espaço romanesco. Nesse espaço, como se depreende das reflexões de Georg Lukács, o mundo torna-se o âmbito das experiências do herói:

A forma biográfica realiza, no romance, a superação da má infinidade: [...] a extensão do mundo é limitada pela extensão das experiências possíveis do herói, e o conjunto dessas últimas é organizado pela direção que toma o seu desenvolvimento rumo ao encontro do sentido da vida no autoconhecimento [...]. (LUKÁCS, 2000, p. 83)

No raiar da modernidade, a visão mítica, a partir da qual o Romantismo convertera a valorização da potencialidade hominal na sublimação do Homem, cedeu lugar à visão analítica. Ao ser submetido a essa visão analítica, o herói perde as suas características sublimatórias, originárias do projeto romântico de supervalorização do Homem. Configura-se, desse modo, a degradação imposta pela modernidade ao herói. Walter Benjamin expõe: “[O] herói é [...] tão bem construído como [os] barcos de vela. Mas o mar alto acena em vão para ele. [...] A modernidade revela-se como sua fatalidade. Nela o herói não está previsto; ela não tem emprego para este tipo” (BENJAMIN, 2000, p. 27).



A visão analítica, da qual provêm os alicerces estético-literários da modernidade, recaiu incisivamente sobre o herói, perscrutando-o e trazendo à tona o seu reverso: o *anti-herói*, o protagonista que personifica a ficção moderna. Na modernidade, as desventuras do anti-herói ocupam o espaço romanesco, deteriorando a sublimidade instituída pelo idealismo romântico.

Ao se estabelecer como espaço de atuação do anti-herói, o romance assume-se como o gênero narrativo no qual se inscreve uma *imagem da sociedade*, no qual aspectos da realidade sócio-histórica são integrados ao cerne da tessitura ficcional. Para que essa *imagem* seja construída, faz-se necessária uma observação arguta da realidade, procedimento do qual se incumbe o romancista, que faz emergirem, em sua obra, traços do ideário intrínseco à sua época. Alexandre Torres afirma:

O romancista genuíno só pode possuir o ideário que corresponde ao seu verdadeiro mundo. Se todo o seu ser gravita na órbita do que está a morrer, que pode ele dar nos seus romances senão esse mesmo universo que está a morrer? (TORRES, 1967, p. 5)

A constituição do anti-herói ocorre num contexto de negação do ideário romântico. Nesse contexto, subverte-se a perfeição romântica e focalizam-se o imperfeito, o desarmônico, o *dissonante*. Tal focalização se imprime no romance moderno, no qual se registra a multiplicidade das vozes sociais e se atribui um cunho alegórico ao anti-herói, no qual se encontra representada a postura dissonante do romancista, observador que documenta e questiona a sua época. Fazem-se relevantes as considerações de Mikhail Bakhtin:

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição socioideológica *diferenciada* do autor no seio dos diferentes discursos da sua época. (BAKHTIN, 1993, p. 106)

Essa postura dissonante impregna a ficção de Clarice Lispector, integrando-se fundamentalmente aos seus romances, cujos protagonistas se confrontam com os cânones sociais. Para essas personagens, os valores sociais tornam-se uma correia que prende o indivíduo ao mecanicismo de viver, ao inexorável executar-se das tarefas sociais que abstem do Homem a identidade própria, reduzindo-o a um mero cumpridor

de cânones preestabelecidos. Nos romances claricianos, os protagonistas são seres *destoantes*, que rejeitam a automatização, a supressão da identidade pessoal em virtude da convenção social. A partir da atitude dissonante desses protagonistas, faz-se nítido o caráter desautomatizante da escrita clariciana, sobre o qual disserta Neiva Kadota:

[...] é nessa busca recorrente de Clarice pela palavra precisa [...] que nos parecia inscreverem-se também outras inquietações: a de uma escritura desautomatizante, por exemplo, que se empenha em possibilitar ao leitor ver/sentir as relações de força que, mesmo atuando disfarçadamente no espaço do microcosmo, oprimem e anulam o seu viver. (KADOTA, 1999, p. 20)

A dissonância intrínseca à literatura clariciana culmina em *A hora da estrela*, fragmentando-se em *dissonâncias*, as quais se consubstanciam em Macabéa, cuja existência se consoma “numa cidade toda feita contra ela”, conforme expõe o narrador Rodrigo S. M.: “Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela”<sup>2</sup> (HE, 15). Ao longo dessa existência, assinalada pelas adversidades que marcam a vivência dos excluídos socialmente, Macabéa assume sete formas de viver que conduzem ao deslocamento no mundo.

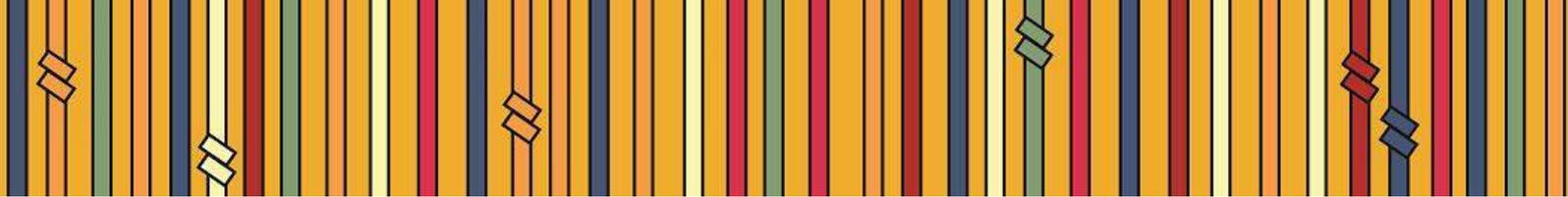
### **As sete faces de uma *gauche***

O romance *A hora da estrela* é produzido num momento de culminância da modernidade, quando se acentua a descaracterização do herói, arraigada na noção de *finitude*, a partir da qual, segundo as reflexões de Bornheim (1992), configura-se a vivência trágica do Homem.

É essa vivência trágica, consumada em meio às contingências impostas à condição humana, que empreende o protagonista da tragédia moderna, na qual não se apresenta a temática ostentosa concernente à tragédia antiga. Raymond Williams assevera: “Novos tipos de relação e novos tipos de lei, que estabeleçam vínculos com o nosso sofrimento presente e o interpretem, são as condições da tragédia contemporânea” (WILLIAMS, 2002, p. 76).

---

<sup>2</sup> Neste estudo, ao se fazer necessária a exposição de trechos de *A hora da estrela*, adota-se o seguinte esquema de citação: sigla da obra (HE) seguida imediatamente do(s) número(s) da(s) página(s) da(s) qual(is) se extraiu o fragmento.



Evidencia-se o aspecto trágico de Macabéa ao se notarem a sua total falta de autoconhecimento e a sua condição metonímica de retirante miserável. Esse caráter metonímico da protagonista faz emergir em *A hora da estrela* o *Dasein*<sup>3</sup>, termo empregado por Heidegger (1967) para denominar o *lugar* habitado unicamente pelo Homem, o espaço em que a existência atinge seu ápice e transmuta-se na Verdade do Ser<sup>4</sup>. O *Dasein* é, em suma, a essência humana.

Nesse espaço restritamente hominal, o *ser-no-mundo* se imbuí do senso de engajamento – fundamental, na concepção heideggeriana, para o autoconhecimento humano – e adquire o caráter de *ser-com-os-outros*. Para Martin Heidegger, o “voltar-se para fora” é condição básica para que o Homem atinja sua essência: “[...] o ‘fora’ deve ser pensado como o espaço da abertura do próprio ser. Por mais estranho que isto soe, a stasis do ekstático se funda no in-sistir<sup>5</sup> no ‘fora’ [...]” (HEIDEGGER, 1969, p. 71).

Assim, nota-se que a solidariedade humana é a essência do *Dasein*, estágio no qual o Homem dirige sua atenção para o “fora” e, nesse, encontra o fundamento de *ser*. O modo como o *Dasein* se apresenta em *A hora da estrela*, concentrado na denúncia da miséria nordestina, aproxima essa narrativa à prosa da 2ª Geração modernista, na qual se estabeleceu a *tessidura* (“tessitura dura”) para entretecer, em contos e romances, os fragmentos do drama nordestino.

Em sua origem espacial, inicia-se a tragédia de Macabéa, protagonista clariciana que busca o autoconhecimento ao se colocar à frente do espelho. Em Macabéa, materializa-se a figura do *gauche*, retratado na primeira estrofe do “Poema de sete faces”: “Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida” (ANDRADE, 1998, p. 13).

A narração de Rodrigo S. M. revela a *inadaptabilidade* de Macabéa, cujas concepções colidem com os valores cultivados por aqueles que a cercam. Desse modo, a nordestina habita permanentemente o espaço da dissonância, deixando-se assinalar pelo deslocamento no mundo.

No decorrer de sua vivência, a protagonista assume sete perfis que lhe impõem a inaptidão para a vida em sociedade, tornando-se uma “incompetente para a vida”: “[...]”

---

<sup>3</sup> Do alemão, literalmente, *ser-aí*, expressão que convive, na tradução brasileira de Heidegger, com *presença*.

<sup>4</sup> Mantêm-se, aqui, as iniciais maiúsculas utilizadas por Heidegger.

<sup>5</sup> Conserva-se neste trabalho, também, o uso do hífen em certos substantivos simples, intrínseco à terminologia heideggeriana.



ela era incompetente [...] para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (HE, 24).

Os perfis canhestros de Macabéa podem ser enumerados da seguinte forma:

*1) Pessoa contrária ao ato de pensar*

A nordestina apreende a realidade à sua volta, predominantemente, por meio do sentir. Ela abstrai, efetivamente, do raciocínio, como se percebe neste fragmento: “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava” (HE, 54).

Macabéa abdica da propriedade de *refletir*, inerente ao Homem e sublimada na sociedade contemporânea, na qual a objetividade científica está consolidada como paradigma. A protagonista consome, assim, o ideal de vida preconizado por Alberto Caieiro e sintetizado nos seguintes versos: “Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o. / Sou místico, mas só com o corpo. / A minha alma é simples e não pensa” (PESSOA, 2006, p. 55).

*2) Falante fugidia à utilização da linguagem*

Macabéa utiliza pouco a linguagem, propriedade humana em que se baseia a mediatização indivíduo X sociedade. A nordestina é lacônica; fala pouco e mal consegue estabelecer diálogos. Ela priva-se, desse modo, da “casa do Ser”, como denomina Martin Heidegger:

O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso. A linguagem é a casa do Ser. Nela morando, o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a. (HEIDEGGER, 1967, p. 55)

Ao prescindir da capacidade de pensar e da linguagem, Macabéa, gradativamente, *animaliza-se*, afastando-se dos padrões que determinam o comportamento hominal e arraigando-se no viver primitivo dos animais.

*3) Sujeito desgarrado da cultura tecnológica*

Embora exerça o ofício de datilógrafa, Macabéa não possui qualquer proficiência nessa atividade, exercendo-a precariamente, conforme expressa Rodrigo S. M.: “[o chefe] avisou-lhe com brutalidade [...] que só ia manter no emprego Glória, [...] porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel” (HE, 24-25).



A nordestina não domina a *técnica*, mantendo-se alheia do paradigma cultural cuja preponderância, na época moderna, estende-se e impregna-se em todos os setores da atividade humana. Trata-se da *cultura tecnológica*, “cujo denominador comum são o pensamento e a prática científico-técnica” (NUNES, 1985, p. 117).

#### 4) *Metonímia da miséria social*

Macabéa integra o macrocosmo dos retirantes nordestinos, em cuja vivência se imprime a miséria social. O narrador expõe: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa” (HE, 14).

A focalização dessa realidade nordestina possibilita que, na narrativa em questão, sobreleve-se uma *cidade*, um ambiente específico, que se integra ao discurso literário, resultando numa linguagem própria, denominada por Roland Barthes de *linguagem da cidade*: “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a” (BARTHES, 2001, p. 224).

Ainda que em *A hora da estrela* exista uma *cidade* sertaneja, nota-se o caráter universal da miséria vivida pela protagonista, em quem se insculpem as marcas vívidas da indigência.

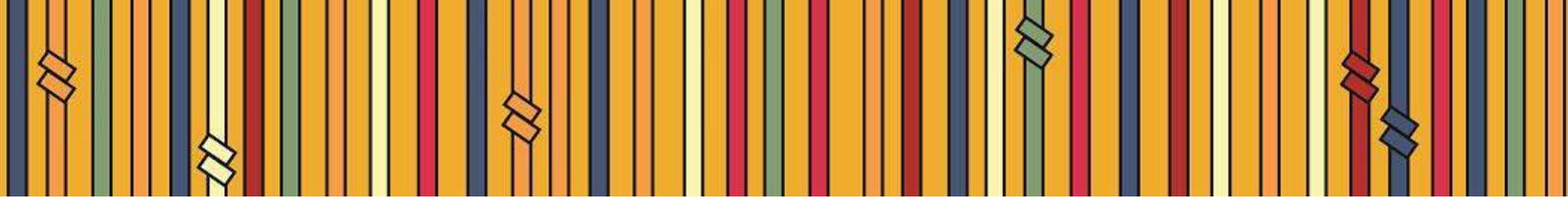
#### 5) *Antítese do Belo estético*

A constituição física de Macabéa se opõe à conformação dos traços delicados e harmoniosos. As manchas faciais e o encardimento da protagonista são peculiaridades integradas à descrição de Rodrigo S. M.: “No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se ‘panos’, diziam que vinham do fígado. [...] Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava” (HE, 27).

Em Macabéa, reúnem-se discrepâncias físicas que, por em nada se coadunarem, constituem uma oposição à noção de *harmonia* preconizada por Friedrich Hegel: “Com efeito, a harmonia resulta da relação entre diferenças qualitativas; constitui uma totalidade destas diferenças que têm a sua razão de ser na própria natureza da coisa” (HEGEL, 1999, p. 156).

#### 6) *Ser a-histórico*

Na concepção heideggeriana, o *ser-no-mundo* é o *ser histórico*, cuja vivência se fundamenta na *con-vivência* com os outros indivíduos. A partir desse *con-viver*,



segundo Martin Heidegger, compõe-se o *destino Histórico*, movimento por meio do qual o Homem se inscreve no tempo e no espaço, consumando-se como *Ser-no-mundo*: “[...] as junturas (*die Fuge*) do Ser dis-põem numa con-juntura, sempre de acordo com o destino Histórico, a Essência do homem a morar na Verdade do Ser. Esse morar constitui a Essência do ‘Ser-no-mundo’ (HEIDEGGER, 1967, p. 90).

Macabéa encontra-se desprovida dessa *con-vivência*: de origem imprecisa, a protagonista, cujo único vínculo familiar é desfeito com a morte de sua tia, não possui indicativos de um passado, substantificado na vivência em coletividade. Os traços precários de sua existência são apreendidos, restritamente, da narração de Rodrigo S. M, que se atribui, com efeito, a função de *criar* Macabéa, ser a-histórico: “De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu” (HE, 19).

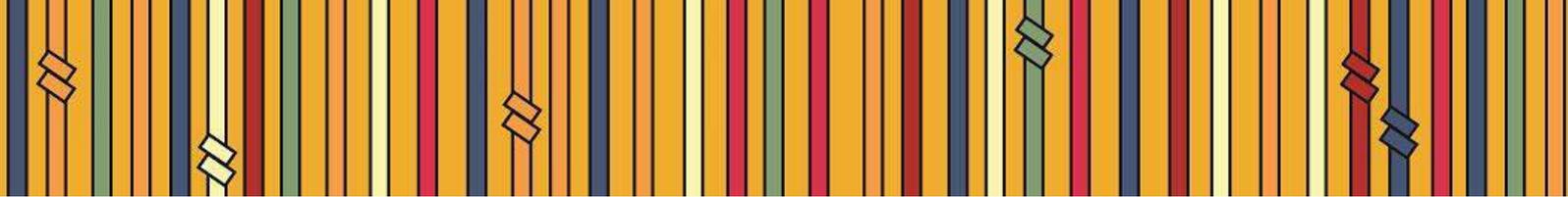
São os comentários do narrador acerca da protagonista que deixam transparecer indícios de um vago passado. Tais comentários se configuram a partir do constante *uso digressivo* que Rodrigo S. M. faz da narração. Para esse tipo de uso, volta-se o olhar analítico de Ronaldo Fernandes:

[Um] uso da narração é o *uso digressivo*. Ele não se iguala ao uso informativo, já que este procura informar uma ação. O *uso digressivo* busca a análise, o comentário, a divagação. Desacelera a narrativa, cria outro tempo, diferente do tempo da ação exterior e diferente também do tempo da análise psicológica. (FERNANDES, 1996, p. 95)

Nas digressões sobre Macabéa, demonstra-se o empreendimento hermenêutico de Rodrigo S. M., que não apenas narra, mas reflete sobre o objeto de sua narração. Na atitude hermenêutica do narrador de *A hora da estrela*, aprofunda-se uma característica geral dos narradores claricianos, que investigam as suas próprias narrações.

#### 7) *Animal apolítico*

A postura de Macabéa opõe-se à concepção aristotélica do Homem como ser eminentemente político, destinado a estabelecer relações em sociedade e a refletir sobre elas, tornando-se, a partir dessa reflexão, consciente de seu papel no meio social em que vive. Por apresentar essa capacidade de se integrar ao seu âmbito social, o Homem é, por excelência, um “animal político”, como afirma o Estagirita: “[...] o homem é um animal político, por natureza, que deve viver em sociedade, e [...] aquele que [...] deixa



de participar de uma cidade [...] é um ser vil ou superior ao homem” (ARISTÓTELES, 2001, p. 14).

A nordestina, no entanto, não possui a consciência da sua função na sociedade, mantendo-se inerte ao fluxo da vida social. Macabéa restringe sua tentativa de interação social à audição de informações veiculadas pela Rádio Relógio, cuja carga informacional não é assimilada pela protagonista, que se limita a repetir o que lhe chega por meio da Rádio. Berta Waldman assinala: “[...] a personagem repetirá o que escuta na Rádio, imobilizada por uma informação que não lhe serve para nada e pela voz do outro, que ela não rearticula” (WALDMAN, 1998, p. 99).

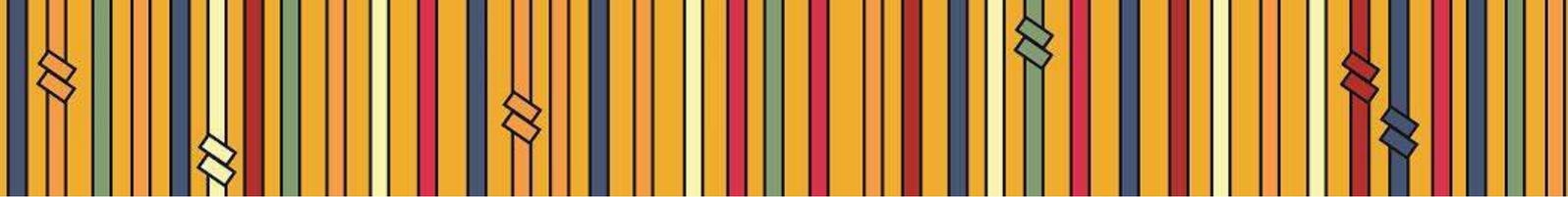
Macabéa assume-se, dessa maneira, como “animal apolítico”. Ela mantém-se à margem da vivência política, da *ação social*. Nesse sentido, encontra-se cerceada, já que a liberdade como fato demonstrável e a política estão indissolúvelmente ligadas, conforme expõe Arendt (1992).

### **Considerações finais**

Em *A hora da estrela*, verificam-se dois pilares da modernidade: a degeneração do herói e o esforço translinguístico. Nessa narrativa, além de se focalizar a antítese do herói clássico, na qual se imprime a consciência do Homem moderno acerca das suas fragilidades e dos seus receios, evidencia-se o embate entre o escritor moderno e a linguagem, procedimento materializado num contínuo exercício metalinguístico.

Na protagonista Macabéa, substantifica-se o anti-herói, ícone da tragédia moderna, a qual apresenta um caráter *acidental*, como ressalta Williams (op. cit.). Aos acidentes do cotidiano – às vicissitudes que se configuram no dia a dia – volta-se a tragédia moderna. Dessa forma, a tragicidade de Macabéa se manifesta em acontecimentos fortuitos, em fatos casuais do cotidiano, como o diálogo com a colega de trabalho ou a aproximação a um aspirante a namorado.

A vivência trágica de Macabéa é relatada por Rodrigo S. M., em cuja narração se problematiza constantemente a linguagem. Em meio a essa problematização, emergem reflexões sobre o ofício de escrever, originárias da incumbência que o narrador de *A hora da estrela* se atribui: *construir* um ser por meio da linguagem. Na narrativa em questão, portanto, a constituição de um sujeito ocorre paralelamente ao exercício metalinguístico. Maria Lúcia Homem destaca: “[Há] a questão da constituição do



sujeito, como complementar ao aspecto metalinguístico que se insinua na escritura clariceana” (HOMEM, 2001, p. 70).

Ao se dedicar à *construção* de Macabéa, Rodrigo S. M. procura unificar realidade e linguagem. Essa unificação, proveniente da amalgamação entre a construção do ser e a composição da palavra, é uma aspiração que singulariza a literatura moderna. Manuel da Costa Pinto a identifica nas produções literárias de Graciliano Ramos e de Albert Camus: “Em Camus e Graciliano, [...] assistimos à representação do momento no qual linguagem e realidade se confundem, pois [...] percebemos que a linguagem recobre o real de sentidos prescindíveis” (PINTO, 2001, p. 49).

Na elaboração narrativa de Rodrigo S. M., entrecruzam-se a exegese destinada a Macabéa e a perscrutação dirigida à linguagem. Nesse empreendimento narrativo, insere-se o percurso da *gauche* numa escritura que busca transpor a linguagem. A partir dessa inserção, em *A hora da estrela*, estabelecem-se duas insígnias da modernidade. Tal estabelecimento permite qualificar essa obra clariceana como uma das narrativas nas quais se sublimam os vínculos entre o Modernismo brasileiro e a modernidade.

## Referências

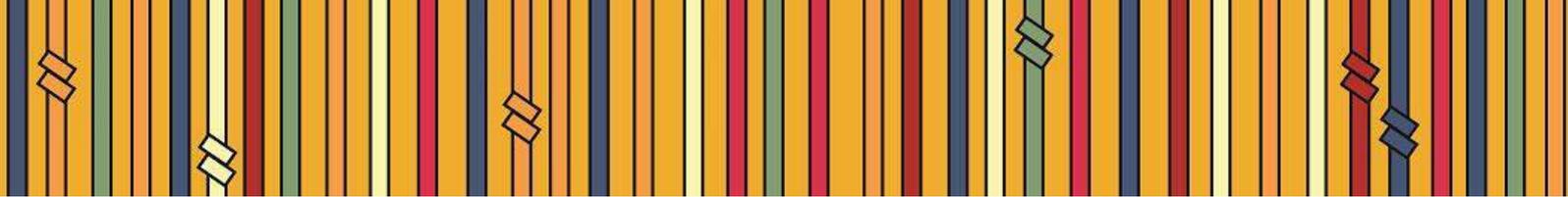
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: UNESP / Hucitec, 1993.

BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: *A aventura semiológica*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva et al. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BORNHEIM, Gerd A. Breves observações sobre o sentido e a evolução do trágico. In: *O sentido e a máscara*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: a ideia e o ideal*. Tradução de Orlando Vitorino. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

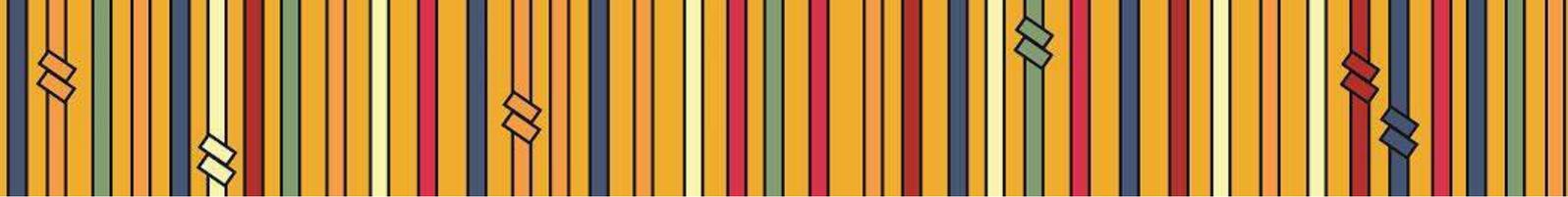
HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HOMEM, Maria Lúcia. *No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector*. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

KADOTA, Neiva Pitta. *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2000.



NUNES, Benedito. *Cultura tradicional e cultura tecnológica*. In: Revista Ensaio Nº 14. São Paulo: Ensaio, 1985.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caetano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PINTO, Manuel da Costa. *Os cárceres da linguagem*. In: Revista Cult Nº 42. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *Romance: o mundo em equação*. Lisboa: Portugália, 1967.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*. In: ZILBERMAN, Regina et al. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios / EDIPUC / Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.